



## “ESTÃO APENAS ENSAIANDO”

### O desejo de real no conto de Bernardo Carvalho

JOÃO FELIPE BARBOSA BORGES

**RESUMO:** Neste artigo, pretende-se discutir brevemente o conceito de representação na literatura, especificamente, no conto “Estão apenas ensaiando”, do escritor contemporâneo Bernardo Carvalho. Para tanto, nortearam a análise crítica empreendida, as considerações de Antônio Cândido (2003), sobre as características narrativas da literatura brasileira contemporânea; de Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco (2005), sobre a relação entre a arte e o contexto sócio-histórico de sua produção; e de Lucia Helena (1997), sobre o conceito de mimesis na escrita literária contemporânea.

**ALAVRAS-CHAVES:** Literatura Brasileira. Bernardo Carvalho. Análise crítica. Contística contemporânea. Mimesis.

**ABSTRACT:** In this article, we intend to briefly discuss the concept of representation in literature, specifically, in the short story “Estão apenas ensaiando” by the contemporary writer Bernardo Carvalho. For this purpose, the critical analysis undertaken was guided by the considerations of Antônio Cândido (2003), on the narrative characteristics of contemporary Brazilian literature; the considerations of Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco (2005), on the relation between art and the socio-historical context of its production; and of Lucia Helena (1997), on the concept of mimesis in contemporary literary writing.

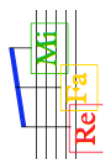
**KEYWORDS:** Brazilian literature. Bernardo Carvalho. Critical analysis. Contemporary tale. Mimesis.

“Não a luz; o iluminado.”  
(Goethe)

## 1. INTRODUÇÃO

Carmen Lúcia Ribeiro Secco (2005), ao estudar a importância da literatura e das artes plásticas no contexto da Pós-modernidade, coloca que as artes de um país, de um modo geral, enquanto lugares privilegiados tanto de fruição estética como de projeção identitária, se acham estreitamente ligadas à realidade de seus lugares de enunciação, revelando-se como espaços de entrecruzamento de fatores sociais, geográficos, culturais, políticos, entre outros. Função esta que não é eminentemente nova, uma vez que desde Aristóteles, através do conceito de *mimesis* enquanto representação/imitação da realidade, já era largamente difundida.

BORGES, J. F. B. “Estão apenas ensaiando: o desejo de real no conto de Bernardo Carvalho.”  
Revista Falange Miúda, Ano 2, N. 1, jan.-jun., 2017. [www.falangemiuda.com.br]





Contudo, se outrora o conceito de representação esteve ligado à crença de reprodução fiel da realidade – são expressivos exemplos as obras de nosso Realismo –, hoje, está muito mais ligado à crença da impossibilidade mesma da representação, que se revela apenas parcialmente capaz de exprimir a realidade plural, inacabada e em constante transformação que se apresenta diante de nós.

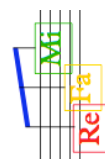
## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

O conto “Estão apenas ensaiando”, de Bernardo Carvalho, parece exprimir justamente essa impossibilidade de representação perfeita da realidade. E através da trama de um ensaio de uma peça, constantemente interrompido pelo diretor, que busca de seus atores a entonação perfeita, a história que nos vai sendo narrada vai sendo também uma espécie de reflexão aguda da própria natureza representacional que a palavra encena.

Nesse sentido, se no plano denotacional do discurso, temos a história de dois atores – um interpretando a Morte; outro, um humilde lavrador que clama à Morte pela devolução da vida de sua mulher – sucessivamente interrompidos pelo diretor; em um segundo plano, temos a discussão do próprio caráter da representação: seria possível ao ator que interpretava o humilde lavrador sugerir, como queria o diretor, que estava “realmente sofrendo ou indignado pela injustiça da morte da mulher na flor da idade” (CARVALHO, 2000, [s.p.]) se não era realmente este lavrador, se apenas o representava? Seria possível “mostrar desespero com um texto daqueles, inverossímil” (CARVALHO, 2000, [s.p.])? Como representar o real à deriva, à suspeita de que a linguagem não representa, tal e qual, um real que lhe seria anterior e estável?

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Notemos que estas dúvidas, ao serem transpostas para o terreno da linguagem, acabam por evidenciar o caráter do inefável que subjaz à representação desde as poéticas de estofos romântico. Sim, porque lembremos que desde aí, já se falava da impossibilidade de traduzir em palavras nossos sentimentos. Contudo, diferentemente destas, o que o texto de Bernardo Carvalho encena, através do embate entre diretor e ator, é um inefável diferente: intraduzível não porque condizente a um material abstrato e extremamente interior, mas pelo inefável inerente à própria natureza da palavra, para a qual é negada a tradução de toda e qualquer realidade, seja ela interior ou exterior.

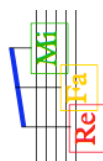




Assim, se por um lado a fala do diretor ratifica, à semelhança dos romances realistas de outrora, a crença numa representação exata, sólida e coerente da realidade, buscando fazer da arte, retrato dos acontecimentos do mundo real, a atitude infligidora do ator, que instaurando a dúvida, insiste no distanciamento de sua representação (que o diretor queria verossimilhante), coloca em xeque toda a pretensão do diretor de querer fazer-nos acreditar como verdadeiro, um mundo que, da porta do teatro para dentro, não passava de ficção. Afinal, se estavam apenas ensaiando, se tudo ali só fazia por reafirmar o caráter de fingimento da cena (a Morte sem foice, o lavrador de relógio, a platéia vazia, etc), por que ser verossimilhante? Por que o desejo de tornar realidade o ensaio?

A partir desta atitude questionadora do ator, representar deixa de ser a procura por uma relação de contiguidade entre a palavra e o mundo exterior, o que “não apenas anula o entendimento vulgar da escrita como mera transparência do real por meio da palavra, como também o da *mimesis* como cópia ou repetição ‘tal qual’” (HELENA, 1997, p. 61). Ora, ademais, a própria diferença de perspectiva revelada pelo narrador entre diretor e ator a respeito de como deveria ser a representação ideal da cena, já contribui incisivamente para o combate a qualquer concepção do “representar” enquanto um ato fechado e imutável. Isso porque toda representação, enquanto ação, pressupõe um sujeito que a execute. E este sujeito, marcado histórica e ideologicamente, é quem vai imprimir seus valores, suas crenças, seu ponto de vista enfim, de acordo com os objetivos que tem em mente e a verdade (entre o leque de verdades) que pretende instaurar.

Assim, cai por terra todo um conceito de representação pretensamente científico, cujo fundamento objetivo oferecia condições seguras para compreender o passado, avaliar o presente e prognosticar o futuro, e segundo o qual a realidade deveria ser transcrita diretamente, sem qualquer intermediação subjetiva ou artifícios de linguagem. É graças à incompatibilidade entre a visão do diretor e do ator, e à atitude infligidora deste, que se problematiza o caráter da representação, que o final da história só vem a ratificar. Porque é a partir da notícia que aquele “vulto”, passado por despercebido, veio anunciar a respeito “do mundo do lado de fora” (CARVALHO, 2000, [s.p.]), dizendo que a mulher do ator que representava o lavrador acabara de morrer atropelada a duas quadras dali, que a representação do ator – “com a mesma entonação e o distanciamento que lhe pareciam mais apropriados” (CARVALHO, 2000, [s.p.]) – se torna perfeita aos olhos do diretor. Para além do clichê de que a arte imita a vida, o que temos aqui é a impossibilidade da representação fiel senão enquanto vivência concreta e real, mostrando que não é o modo como se representa, o modo como a palavra é pronunciada, que fazem com que a arte se torne realidade, mas os acontecimentos da própria vida.





Ora, e lembremos que se paralelamente a esta história, corre a história do iluminador, que busca, entre as interrupções do diretor, terminar de contar uma piada ao técnico do mezanino, também neste plano os limites da representação serão evidenciados. Nessa perspectiva, as interrupções do diretor agem também aqui – uma vez que a cada interrupção o iluminador recomeça a piada – como uma espécie de pedido de uma representação mais verossimilhante, mesmo que este pedido não seja explícito, algo que nos é confirmado na atitude do iluminador de voltar “sempre ao começo com medo de que a quebra interfira no efeito cômico” (CARVALHO, 2000, [s.p.]).

#### 4. PARA FINALIZAR...

E se em tudo essa piada contada acompanha o movimento do texto e o movimento da história (suspendendo a piada com as interrupções da história, deixando-nos em suspense, e chegando ao fim da piada juntamente com o fim do texto) não seria o iluminador uma espécie de alter-ego do escritor (vide a própria significação da palavra iluminador – que é aquele que dá a luz, o foco sobre alguém ou algo)? E não seria esta história do ensaio, a sua piada, de humor sórdido e irônico porém? Não seria a história, o seu ensaio, na tentativa de tornar mais risível e mais real a sua representação do mundo? Afinal, não seria este um ensaio da representação que se faz também na escrita?

Nesse sentido, quando o ator, que no decorrer do texto, também no plano denotacional do referente vai se tornando, gradativamente, o lavrador (vide os sintagmas nominais com que é referenciado, passando do “ator que interpretava o humilde lavrador”, ao próprio “lavrador”), o final da história rompe igualmente com um ciclo vicioso de busca da verossimilhança, reiterando que a arte só pode imitar a vida a partir do momento em que é incorporada como substância concreta; fora isso, nunca poderá representá-la fielmente, porque a vida tem matizes próprios. Assim, o que o final faz é mostrar que não se trata mais de ver o texto como algo que se esgota ao conduzir a uma representação unívoca do mundo, mas, como diria Candido (2003, p. 206), trata-se “de lhe pedir que crie para nós um mundo, ou um mundo que existe e atua apenas na medida em que é discurso literário”. Afinal, estão apenas ensaiando.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, A. A nova narrativa. In: \_\_\_\_\_. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 2003, p. 199-215.

BORGES, J. f. B. “Estão apenas ensaiando: o desejo de real no conto de Bernardo Carvalho. *Revista falange Miúda*, Ano 2, N. 1, jan.-jun., 2017. [www.falangemiuda.com.br]



CARVALHO, B. "Estão apenas Ensaçando". In: MORICONI, I (Org.). **Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

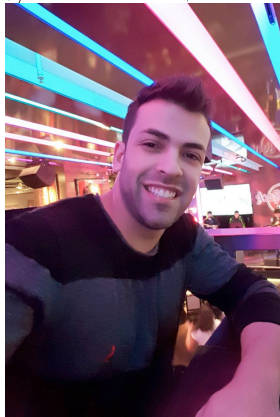
HELENA, L. **Nem musa, nem medusa**: itinerários da escrita em Clarice Lispector. Niterói: EDUFF, 1997.

SECCO, C. L. T. R. **A importância da literatura e das artes plásticas no contexto da cultura angolana**. Anais do Fórum dos Angolanistas. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

Recebido em 13 de junho, aprovado em 21 de junho

Sobre o autor:

João Felipe Barbosa Borges



Professor DIII-3 de Língua Portuguesa e suas Literaturas no Instituto Federal Fluminense. Graduado em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa - pela Universidade Federal de Viçosa (2009), mestre em Estudos Literários pela mesma universidade (2012), e doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Membro dos Grupos de Pesquisa "Estudos Literários e Culturais", "Núcleo de Estudos Portugueses" e "Núcleo de Estudos Estéticos, Culturais e de Linguagem". Interesses de pesquisa incidem sobre os seguintes temas: Literatura e História, Discurso e Afetividade, Representações da Cidade, Literatura Contemporânea, Teolinda Gersão, Almeida Faria. [felipebborges@hotmail.com](mailto:felipebborges@hotmail.com); [jfborges@iffl.edu.br](mailto:jfborges@iffl.edu.br).